

AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

Aggression and violence in school: looks on Physical Education

Alana Grünewald Crespan, Alvorí Ahlert

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

Resumo: O presente ensaio teve como objetivo construir um referencial teórico sobre a violência nas aulas de educação física escolar. Com apoio na literatura, este ensaio evidencia a distinção entre agressividade e violência e analisa a violência na sociedade, na família e na escola, concluindo com os referenciais sobre a educação física escolar e a violência. Fica evidente a necessidade de uma política de educação com relação à violência escolar e o compromisso dos professores e professoras em desenvolver a consciência de seu papel na formação e no desenvolvimento da personalidade de seus alunos através do desenvolvimento da socialização, cooperação, da construção de limites, instigando para o diálogo e para a formação de alunos críticos e responsáveis por suas ações.

Palavras-chave: Agressividade; Violência; Educação Física.

Abstract: This essay aimed to construct a theoretical framework on violence in physical education classes. Based on a literature, the essay shows the distinction between aggression and violence and analyzes the violence in society, the family and the school, concluding with references about physical education classes and violence. It is evident the need for political education regarding school violence and the commitment of teachers and teachers to develop awareness of their role in the formation and development of the personality of their students through the development of socialization, cooperation, construction limits, urging for dialogue for the formation of critical students and responsible for their actions.

Keywords: Aggressiveness; Violence; Physical Education.

1 INTRODUÇÃO

A violência é uma realidade rotineiramente observada nas sociedades contemporâneas. No Brasil foram registrados 59.627 homicídios em 2014 (VALOR, 2016). Para Carlos Mendoza-Alvarez, o mundo globalizado tem como marca principal a violência caracterizada na migração de milhões de pessoas forçadas à fuga, como consequência do modelo econômico extrativista e de estados que impõem um capitalismo cada vez mais cobiçoso no planeta. No século XIX este capitalismo explorava os trabalhadores através da mais-valia. No século XX a exploração deu-se através da divisão social e geográfica da mão-de-obra através das multinacionais (MENDOZA-ALVAREZ, 2016).

Michel Foucault, filósofo francês, desenvolveu a noção de Biopoder para compreender o desenvolvimento do exercício de poder do Estado sobre a vida. Tal domínio dá-se através de processos disciplinares anátomo-políticos do corpo humano, de intervenções reguladoras que visam controlar o povo por meio de processos reguladores. Em sua obra, *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*, o autor afirma:

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; [...] o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos - tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano. O segundo, [...] centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população (FOUCAULT, 1999, p. 131).

Assim, Foucault acredita que estes dois polos são o mecanismo para disciplinar os corpos e regular/controlar as populações. Este poder teria desenvolvido a função ordenar a vida de cima para baixo. Para o politólogo camaronês Achille Mbembe, o Biopoder, cunhado por Foucault, não é mais suficiente para entender o poder de morte engendrado pelo capitalismo pós-colonial. Para ele, as características do atual período, denominado de pós-colonial, se diferenciam da época colonial. No período colonial a violência era um meio para alcançar a rentabilidade econômica para dominar os povos e extrair-lhes seus meios de vida. Na atualidade, no pós-colonialismo, a violência se revela como um fim em si mesmo.

[...] la ocupación colonial de la modernidad tardía es un encadenamiento de poderes múltiples: disciplinar, «biopolítico» y «necropolítico». La combinación de los tres permite al poder colonial una absoluta dominación sobre los habitantes del territorio conquistado (MBEMBE, 2011, p. 52-53).

Ainda, segundo a pensadora transfeminista mexicana, de Tijuana, Sayak Valencia, na atualidade a violência estrutural se dá através de um capitalismo *gore*¹. Trata-se de um modelo expansionista do capitalismo de mercado neoliberal que impõe uma dominação e aniquilação global, caracterizado pela obscenidade, morbidez e esquizofrenia que transforma os corpos e as mentes humanas e o planeta terra

¹ Para maior compreensão sobre o tema, sugerimos a leitura de SAYAK, V. *Capitalismo Gore y necropolítica en México contemporáneo*. Barcelona: Melusina, 2010. Disponível em: <<http://www.relacionesinternacionales.info/ojs/article/download/331/285.pdf>>.

em territórios de extração de energia, riqueza e poder (VALENCIA, 2010).

No contexto da educação as escolas são palco de tal absurdo, perpetuando um círculo vicioso de violência. “A escola, para as camadas médias da população, pretende ser a continuidade do processo de socialização, iniciado na família” (BOCK et al., 1995, p. 286). Com esta afirmação os autores mostram a importância da escola na vida social da criança, sendo assim, os valores, expectativas e práticas que envolvem o processo educativo são, ou deveriam ser, semelhantes.

Para Barbosa (2001), o objetivo principal da escola é formar pessoas críticas, autônomas e conscientes de seus atos, mas com tal compromisso, a escola também deve admitir a importância do problema da agressividade e da violência como aspecto negativo em seu cotidiano, principalmente a partir de seus efeitos concretos, como a indisciplina, os confrontos, as ameaças, a depredação e a exclusão, assim como procurar soluções para a mesma.

Bock et al. (1995, p. 286-7) acreditam que a maior violência exercida pela escola é o uso exagerado de seu poder sobre as crianças e jovens, impedindo-os de pensar, de expressarem suas capacidades, tornando-os meros reprodutores de conhecimento. E ainda salienta que estudos sobre cartilhas e livros didáticos demonstram que os conteúdos estão impregnados de preconceitos, os quais levam à discriminação de grupos e à violência contra eles.

Infelizmente a violência é uma realidade existente também nas escolas. O que não está em evidência é a maneira como devemos proceder nesses casos. Por isso, o presente estudo tem como objetivo compreender e analisar as diferentes formas de violência escolar. Assim, o presente ensaio tem como objetivo de reunir e discutir conhecimentos já produzidos de autores relevantes para o tema e compreender seus significados e interpretações para ajudar no enfrentamento dessa situação da forma mais segura e eficaz, tanto para pais e professores, quanto para os alunos. Esperamos que estes conhecimentos contribuam na construção de uma educação física sociabilizadora, com capacidade de lidar com os impulsos agressivos, ajudando alunos e demais membros da sociedade a lidarem com o problema da violência.

2 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA: DISTINGUINDO SIGNIFICADOS

Para uma melhor compreensão sobre a questão da agressividade e violência em suas similaridades e distinções, vamos tratar cada fenômeno individualmente na perspectiva da educação escolar, que é o foco do nosso ensaio.

2.1 A agressividade e seus sentidos

O comportamento agressivo é um dos fatores que mais tem gerado conflitos em nossa sociedade, provocando uma ambiguidade em relação à percepção da agressividade pela população. Muitos a admiram, principalmente quando ela se apresenta como iniciativa criadora, mas outros também a condenam e a repudiam, quando ela se apresenta como uma das alterações de conduta que mais preocupam os estudiosos, pais e educadores. A principal dúvida a respeito da agressividade se encontra no que deve ou não ser feito quando nos encontramos diante de um comportamento agressivo (HOKINO; CASAL, 2001).

Na opinião de Dias (1996, p. 58), a agressividade é natural no ser humano, ela é um traço da característica do indivíduo. Todo ser humano defronta-se com outras pessoas com as quais irá disputar seu espaço e seus meios de existência – é a lei da natureza. Esta é a agressividade natural, qualificada de primária e que se caracteriza justamente pela afirmação do desejo do indivíduo.

Fromm (1975) diferencia a agressão de duas formas distintas. A agressão defensiva, também chamada de benigna, que está presente tanto no ser humano quanto em animais a serviço da sobrevivência do indivíduo e da espécie, é biologicamente adaptativa, surge quando o indivíduo se sente ameaçado e cessa quando a ameaça tenha deixado de existir. A outra, é a agressão maligna, descrita como crueldade e destrutividade, reconhecida apenas na espécie humana e não tem finalidade alguma, sua satisfação é voluptuosa, lúbrica.

O ser humano perdeu a característica inicial da agressividade, transformando-a em mera produtora de violência. A agressividade, que antes era usada para o bem, para a satisfação de uma necessidade à vida, passou a ser usada para o mal, para satisfação carnal.

Mussen et al. (1995) também diferenciam a agressividade de duas formas: agressividade instrumental e agressividade hostil. A agressividade instrumental é um comportamento agressivo dirigido para uma meta, como que adquirir um objeto desejável, enquanto que a agressividade hostil é uma ação destinada a prejudicar fisicamente ou verbalmente outra pessoa.

Segundo Bock et al. (1995), a agressividade é um impulso que pode voltar-se para fora (hetero-agressão) ou para dentro do próprio indivíduo (autoagressão), ambas constituem a vida psíquica, enquanto fazendo parte do binômio amor/ódio, pulsão de vida/pulsão de morte. Tal agressividade sempre está relacionada com as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não-verbal. Bock ainda explica que alguém muito “bonzinho” pode ter fantasias altamente destrutivas, ou sua agressividade pode manifestar-se pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro.

Feshbach (apud MUSSEN et al., 1995, p. 420) afirma que “a agressividade é uma reação frequente e proeminente à frustração”, frustração esta que Mussen atribui à privação, punição, barreiras que impedem ou adiam o atingimento de objetivos importantes, sentimentos de inadequação ou ansiedade que inibem a busca de realizações desejadas, ou ameaças à autoestima. Face a isso, entendemos que a agressividade é usada quando o indivíduo se sente ameaçado. Esta ameaça pode ser causada pelo medo, pela impotência, ou ainda, quando o indivíduo sente seu respeito destruído ou ignorado.

A agressividade deve ser respeitada e trabalhada de forma construtiva e consciente no indivíduo; do contrário, torna-se nociva, deturpando os valores individuais e sociais, bloqueando a relação com o outro. Isto vai influenciar a personalidade do indivíduo, tornando-o mais ou menos agressivo e trazendo-lhe, assim, efeitos negativos (DIAS, 1996).

2.2 A violência e seus significados

Segundo Morais (apud Queiroz et al., 2006), a compreensão da problemática da violência numa perspectiva histórico-social demonstra que ela tem raízes profundas que perpassam desde a crise familiar, enquanto instituição social, e pelas desigualdades no âmbito econômico, social, político e cultural.

A violência pode ser considerada como toda ação danosa à vida e à saúde do indivíduo, caracterizada por maus-tratos, limitação da liberdade ou imposição da força. (EISENSTEIN; SOUZA, apud MENEGHEL et al., 1998). A violência não é um fenômeno social exclusivo de nossa época, mas sim resultado de uma cultura que vem se estabelecendo ao longo da história, na qual as relações de poder desempenham papel fundamental, são intensamente permeadas por questões de gênero e de hierarquia, chegando-se a uma sociedade preponderantemente adultocêntrica e machista em que, segundo se pode deduzir, o segmento social mais frágil é o da mulher-criança (SAFFIOTI, apud VENTURINI et al., 2004).

Segundo Zaluar (1996), a violência não surge na história, não deriva da exploração, da dominação ou da miséria; a violência sempre esteve dentro do homem, em todas as sociedades, em todas as

épocas, pois sempre existiram manifestações de agressividade dos homens contra seus semelhantes.

Outro conceito de violência encontramos em Bock et al. (1995, p. 283). Para os autores, “a violência é o uso desejado da agressividade com fins destrutivos”. A agressividade está na constituição da violência, mas não é o único fator que a explica. É preciso compreender como a organização social estimula, legítima e mantém diferentes modalidades de violência. O estímulo pode ocorrer tanto no incentivo à competição escolar e no mercado de trabalho, como no incentivo a que cada um dos cidadãos dê conta de sua própria segurança pessoal.

May (1981, p. 134), explica que nossas mentes são propensas a castrar o tema da violência, negamos o “segredo amor pela violência” que, de alguma forma, está presente em todos nós: “deve existir algo em certas formas de violência que satisfaz uma necessidade dos seres humanos, algo que não pode ser completamente mau”.

Ainda, segundo May (1981, p. 139),

[...] a morte não é a única violência que todos devemos sofrer. A vida está repleta de atos violentos. O nosso próprio nascimento, as lutas necessárias entre pais e filhos, a lancinante separação de alguém que amamos, tudo isso são experiências em que ocorre inevitavelmente violência física e psicológica. Não há vida que esteja isenta de episódios violentos em seu transcurso.

Para Abranches (1994), a origem da violência e do crime deve ser analisada de forma multifatorial. Em outras palavras, não adianta buscar uma causa única, pois qualquer explicação unidimensional de fenômenos com essa complexidade será equivocada.

O processo de determinação da violência e do crime deve ser dividido em duas dimensões: a social e a moral. A dimensão social configura as condições sociais, econômicas e políticas como estimulantes para a violência e a criminalidade. A dimensão moral está associada à existência de normas e regras, legítimas e compartilhadas, e a um consenso moral sobre os limites aceitáveis da transgressão dessas regras de convivência social. “Em outras palavras, o que fazem com que uns admitam chegar ao limite da transgressão, atravessando a fronteira para a criminalidade, e outros, mesmo inconformados com a situação em que vivem, não transgridem” (ABRANCHES, 1994, p. 129).

Cabe lembrar que vivemos numa sociedade muito ocupada, trabalha-se demais, perde-se tempo de lazer em prol do trabalho, das obrigações domésticas e do cuidado com os filhos, as pessoas andam extremamente estressadas e distribuem suas agressividades e atos violentos gratuitamente, sem medir as consequências dos atos, problema este que se torna uma “bola de neve”, as pessoas são agredidas e acham-se no direito de agredir também. Por isso, cada cidadão deve repensar seus atos para com seus semelhantes, para que com isso possamos acabar, ou ao menos diminuir, os altos índices de violência no país.

3 VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

Desde a década de 1980, tem-se acelerado a violência urbana, principalmente na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade. Segundo Cardia (1997), a violência urbana, em especial a violência fatal, vem crescendo em todos os centros urbanos do Brasil.

Bock et al. (1995), entende que a violência nas ruas é um problema que afeta principalmente os centros urbanos maiores. A rua, antes vista como um espaço social da convivência, do lúdico e do encontro com outras pessoas, agora passa a ser vista como um ambiente perigoso, da insegurança, do medo e da violência. Devido à violência crescente em nossa sociedade, começamos a ter a cara do medo,

colocando para fora a nossa própria agressividade, de modo destrutivo, no intuito de nos proteger.

Para Abranches (1994), a violência urbana abrange formas de comportamento social desviante, transgressor e de rebeldia que podem levar a atos violentos contra o patrimônio e a pessoa. São casos de violência urbana os arrastões, vandalismo, os saques, as brigas de turma, as pichações e ações similares, violência física e uso de armas. A violência urbana está associada à tensão urbana, às contradições sociais de convivência metropolitana. Ela surge e se avoluma à medida que as cidades crescem e se tornam mais dominadas pela multidão, produzindo mais solidão e mais anonimato.

Para Kehl (apud PIVA; SAYAD, 2000), a explosão da violência nas escolas brasileiras, especialmente nas que concentram alunos de baixa renda, “é reflexo da cultura estrema do narcisismo e individualismo, em contraste com uma sociedade sem mobilidade de classes, castradora de perspectivas e exposta extensivamente aos bens de consumo” (p. 39).

Para Zaluar (1996), outra situação que muitas vezes leva a violência e a agressividade são as drogas. Ele afirma que o uso de drogas contribui para o crescimento da criminalidade e violência, pois o jovem torna-se prisioneiro do traficante, seja pelas dívidas contraídas pela compra de drogas, seja pela hipótese de que só se livrará da polícia, da justiça, da dívida ao traficante e dos inimigos aprofundando mais seus laços com a quadrilha e afundando-se cada vez mais na carreira criminoso. Segundo o autor, “a violência acelera-se por causa do uso descontrolado e obsessivo de certas drogas” (p. 113). Neste sentido, Bock et al. nos lembram que “o uso de drogas deve ser entendido como um processo de autodestruição do indivíduo. A droga vem para preencher um “vazio”, que, de outra forma, a realidade social não preenche” (1995, p. 288).

A droga deve ser entendida em seu amplo aspecto, desde aquelas permitidas socialmente, como o álcool e o tabaco, até as ilícitas, como a maconha, a heroína, a cocaína, entre outras. Todas elas podem causar dependência física e psíquica, dependendo da intensidade e frequência de uso, da constituição biológica e psíquica do indivíduo, das condições sociais de uso, como a valorização e o incentivo pelo grupo e, por último, depende também das características químicas da droga (BOCK et al., 1995).

4 VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Bock et al. (1995) afirmam que o modelo de família vigente em nossa sociedade caracteriza-se pela autoridade paterna e, assim, pela submissão dos filhos e da mulher a essa autoridade, apresentada como protetora dos membros da família. Para Venturini et al. (2004), a violência doméstica poderia ser a expressão do excesso do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis, que faz da vítima um objeto, desrespeitando seus direitos fundamentais, à vida, à liberdade, à integridade física e a segurança. Fuster e Ochoa compreendem como violência familiar

[...] qualquer dano físico ou psicológico não acidental contra um menor de dezesseis ou dezoito anos (...) ocasionado por seus pais ou cuidadores, que ocorre como resultado de ações físicas, sexuais ou emocionais, por omissão ou comissão, e que ameaçam o desenvolvimento normal, tanto físico como psicológico da criança (apud VENTURINI et al., 2004).

As experiências que temos no início de nossas vidas são decisivas para o nosso desenvolvimento emocional (BARROS; BALBINO apud PERES, 2005). Sendo assim, a primeira violência na vida de uma criança seria a negação de afeto, pois ela depende disso para sua sobrevivência psíquica, assim como depende de cuidados e de alimentação para sua sobrevivência física (BOCK et al., 1995).

Mussen et al. (1995, p. 424) enfatizam que tanto a rejeição paterna quanto a permissividade levam a altos níveis de agressividade nas crianças. Ao rejeitar seus filhos os pais podem “ignorar as expressões

da criança de desconforto e frustrar suas necessidades de afeto”. Além disso, a não-aceitação, provavelmente, “significa que os pais são uma fonte pobre de reforço positivo ou de recompensas, resultando em ineficiência ao ensinar a criança a se conter, seja quanto ao controle da agressividade ou de qualquer outro comportamento não-aceito socialmente” (MARTIN apud MUSSEN et al., 1995, p. 424).

Para Olweus (apud MUSSEN et al., 1995), se os pais são francamente permissivos e aceitam tudo nos primeiros anos de vida da criança, não conseguindo estabelecer limites claros sobre a agressividade, as respostas agressivas das crianças se tornam fortes e persistentes. Com isso, Rodrigues (apud DIAS, 1996, p. 59) afirma que “a educação dada pelos pais a uma criança desempenha papel importante na formação de uma personalidade mais ou menos agressiva”.

As crianças de ambos os sexos que não se identificam com os pais, tendem a expressar mais agressividade do que aquelas com forte identificação com seus pais (ERON apud MUSSEN et al., 1995). Para Vasconcellos et al. (1999), muitos pais não percebem que a criança precisa aprender com eles como viver, como cuidar do corpo, como estabelecer relações familiares e sociais, como lidar com o amor, ódio, inveja, ciúme e competição. Alguns pais estão muito longe de satisfazer as necessidades de desenvolvimento e maturação dos filhos. Muitos pais simplesmente repetem modelos recebidos de seus pais, sem refletirem e sem considerarem as mudanças ocorridas na sociedade, perpetuando, assim, os erros e fracassos de seus pais na educação de seus filhos. Quando os pais se ferem mutuamente, abandonam as famílias ou ameaçam suicidar-se, a ansiedade dos filhos é esmagadora. Eles podem desenvolver um padrão crescentemente agressivo em suas relações familiares, escolares e sociais futuras (WOLFF apud MENEGHEL et al., 1998).

Segundo Santos, o abuso sexual contra a criança é uma forma presente de violência doméstica, geralmente mantida em segredo, escondido pela revolta, sentimento de impotência, passividade e submissão. Tal agressão ocorre em todos os níveis sociais, políticos, econômicos e psicológicos, embora a miséria extrema e a fome seja o caminho mais curto para a prostituição. O autor ainda afirma que “é evidente que um número significativo de prostitutas adolescentes tenha sofrido abuso físico, emocional e/ou sexual quando crianças” (1991, p. 25). Para este autor, muitas situações de exploração infantil tiveram participação familiar decisiva, pois inúmeras histórias de prostitutas atribuem sua iniciação na prostituição devido a experiências domésticas abusivas, como espancamento e abuso sexual.

A literatura vem apontando já há algum tempo a presença de uma série de problemas em crianças, que podem ser decorrentes dos maus tratos familiares e que englobam desde comprometimentos orgânicos até emocionais e/ou psicossociais, destacando-se os danos para o desenvolvimento neurológico, intelectual, social, a baixa autoestima, os comportamentos agressivos, o isolamento, as dificuldades de relacionamento, depressão, ideação de homicídio e de suicídio, dificuldade de adaptação sexual, sentimento de culpa, abandono da escola, prostituição e rejeição familiar; e, é importante enfatizar, com consequências que estariam sendo observadas a curto e a longo prazo (AZEVEDO apud VENTURINI et al., 2004).

5 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A entrada da criança na escola é uma nova etapa da sua sociabilização. Ela deixa o convívio exclusivo com a família e passa a fazer parte de um novo ambiente, o ambiente escolar. A criança começa a viver sob novas regras impostas pela escola, faz novas amizades e adquire novos conhecimentos. Ela reformula a sua visão de mundo e remodela a sua personalidade de acordo com o contexto cultural que está inserida.

No Brasil, o debate sobre a violência nas escolas começou nos anos 80, tendo como referência estudos de caso sobre a problemática. “Alguns autores brasileiros têm buscado refinar o conceito de

violência, considerando, a população-alvo, os jovens, e o lugar social da instituição-objeto, a escola” (ABRAMOVAY, 2003, p. 101).

A escola, para as camadas médias da população, pretende ser a continuidade do processo de socialização, iniciado na família. Sendo assim, os valores, expectativas e práticas que envolvem o processo educativo são semelhantes (BOCK et al., 1995).

Segundo Sarreta e Sato (2007, p. 1), a violência no meio escolar é originada pela sociedade. A escola, como parte intrínseca da sociedade, é afetada por esse fenômeno para o qual não está preparada.

Por isso, Abramovay e Rua afirmam que,

[...] a violência nas escolas possui identidade própria e, ainda que seja no plano simbólico, se infiltra nas relações entre professores, alunos e demais funcionários da escola. Nesse contexto, a função educativa encontra-se submetida a tensões. Entretanto, sobre ela, repousam todas as esperanças de melhoria da sociedade futura (apud SARRETA; SATO, 2007, p. 1)

Para Bock et al. (1995), a maior violência exercida pela escola é o uso exagerado de seu poder sobre as crianças e jovens, impedindo-os de pensar, de expressarem suas capacidades, tornando-os meros reprodutores de conhecimento. Para Barbosa (2001, p. 23-24), o objetivo principal da escola é formar pessoas críticas, autônomas e conscientes de seus atos. “Essa escola tem por objetivo preparar o indivíduo para a vida em sociedade, ao mesmo tempo de desenvolver suas aptidões individuais”.

Segundo Bock et al. (1995), os livros didáticos demonstram que os conteúdos estão impregnados de preconceitos, e esses preconceitos levam à discriminação de grupos e à violência contra eles. Esta autora destaca a violência exercida sobre crianças e jovens das camadas populares, pois estes, muitas vezes, não têm o repertório de conhecimentos esperado pela escola, e acabam não tendo o desempenho escolar esperado, então, são percebidos como incapazes e muitas vezes transferidos para classes especiais, levando-os a “se expulsarem” da escola. A autora ainda coloca que “essa experiência de fracasso escolar é muito importante na construção de sua identidade” (p. 287), pois as crianças e jovens internalizam essa incapacidade que lhes é atribuída, e passam a se sentirem sempre incapazes.

Stephenson e Smith (apud PEREIRA, 2002) confirmam essa ideia ao afirmar que 18% das vítimas de agressividade, na maioria rapazes, são ansiosos, apresentam falta de confiança e são menos populares do que os agressores. Para Abranches, a educação escolar proporciona pouca formação moral na atualidade. Considera que há muita complacência de professores para com a indisciplina em sala de aula.

Complacência que não deve ser substituída por atitudes repressivas, mas por um novo ethos na escola. A excessiva especialização dos professores - na verdade não mais do que compartimentação do ensino, dados os baixos níveis de qualificação dos professores e de qualidade do ensino - impede que se formem vínculos mais sustentáveis entre professor e aluno, que poderiam potencializar a capacidade de orientação e formação, principalmente na infância e na pré-adolescência (1994, p. 148).

Segundo Guimarães (1999), os professores estão exercendo um papel contrário ao seu objetivo, o de ensinar. Antes de qualquer coisa, o professor está tendo que exercer o papel de domesticador de alunos, cuja função principal é manter a ordem. “A escola transforma-se num espaço de disciplinarização” (p. 39). Este autor ainda questiona: “[...] sempre foi assim?” (p. 38). Porém, o papel principal da escola não “domesticar” os alunos, esta é uma expressão forte para lidarmos com seres humanos, o papel principal da escola é ensinar os conteúdos programados para as faixas etárias que nelas estudam, e além disso, construir um ambiente favorável para proporcionar a aprendizagem dos alunos.

Ahlert (2007, p. 248) esclarece que desta forma “[...] a educação passa a ser vista como correção de comportamentos, disciplina e enquadramento social”. Mas com tal função, será que ainda sobra tempo para ensinar o conteúdo desejado? Neste caso, quem está praticando violência? O professor que não está ensinando conteúdos importantes ou o é o próprio aluno que não dá condições para isso? São interrogações inquietantes, difíceis de serem respondidas, principalmente pela ambiguidade de opiniões.

Muitas vezes um professor muito rigoroso é visto como chato e antiquado pelos alunos. A forma de trabalho do professor também deve deparar seriedade, com práticas pedagógicas alienantes e com conteúdos desinteressantes ou fora do contexto, este professor torna-se objeto da ira dos alunos. Com isso, os alunos perdem o interesse pela aula e pelo professor. Durante as aulas, o tempo não passa e o desconforto perante isso se torna insuportável. Os alunos passam a agredir o professor verbalmente e psicologicamente, atrapalham sua aula e desviam a atenção dos demais alunos. Do mesmo modo, o professor age igualmente para com esses alunos, deixando o ambiente num verdadeiro estado de ebulição.

No caso da violência aluno/patrimônio escolar, temos como exemplo a citação de Colombier et al. (1989, p. 21), a qual descarta a necessidade de mais explicações:

Salas de aula

Mesas riscadas com canivete, desmontadas, cadeiras quebradas, piso danificado, as paredes rabiscadas. As portas, sobre tudo, sofrem grandes acessos de cólera: buracos por causa de violentos pontapés, fechaduras entupidas com chicletes, com cola ou quebradas.

Banheiros

Nem uma só porta nos banheiros dos meninos. Privadas entupidas. Pias entupidas propositalmente para provocar uma inundação.

Para estes autores a escola ainda é vitimada através do roubo de materiais, mochilas, livros, pela destruição patrimonial como enciclopédias rasgadas, vidraças quebradas e destruição de fichários (COLOMBIER et al., 1989)

E o último caso, mas não menos importante, é o caso de violência aluno/aluno. Talvez este seja o caso mais rotineiro de violência na escola, pois alunos estão frequentemente se agredindo nas suas formas mais diversificadas: verbalmente, fisicamente e psicologicamente.

Mas qual é o motivo? Quem sabe, jovens violentos podem pertencer a culturas onde existem pessoas delinquentes, e esses apresentam comportamentos agressivos como forma de defesa, adaptação ao grupo ou ascensão social. Por que e de onde vem este comportamento agressivo? Necessidade de afirmação, de ser importante, poderoso? Talvez não tenham recebido o amor, o carinho e a segurança dos pais, sentimentos tão importantes para a formação de suas personalidades.

Para Olweus (apud PEREIRA, 2002), as crianças vítimas da agressividade na escola não são assertivas e não dominam algumas competências sociais. São caracterizadas pelo medo e falta de confiança. São ansiosas e incapazes de reagir por si próprias quando são agredidas. As crianças que são vítimas apresentam características tais como dificuldade de interação e muitas vezes são excluídas socialmente. Mas os agressores, pelo contrário, têm confiança em si próprios e não têm medos.

Conforme Queiroz et al. (2006, p. 2), “não só a agressão física merece atenção, pois outros tipos de agressões podem ser traumáticos e graves”. O *bullying*, descrito por Dreyer e Ramirez (apud SOUSA, s/d, p. 6) como comportamento agressivo, intencional e prejudicial que pode durar semanas ou anos, é definido como “violência desenrolada em meio escolar, quer física, quer mental, de um indivíduo ou grupo direcionada para alguém que não consegue se defender”.

O que parece motivar os agressores é o desejo de intimidação e de domínio, aliado ao abuso de poder. De um modo geral, adotam uma atitude tirânica, perseguindo e oprimindo uma colega de

modo repetitivo, tornando-o na sua vítima habitual. Este fenômeno pode assumir diversas formas, nomeadamente verbal (insultos, alcunhas, ameaças, etc.), físicas (roubar, danificar objetos, ataques físicos, etc.) e indireta (exclusão social e divulgar rumores pejorativos (DREYER; RAMIREZ apud SOUSA, s/d, p. 06).

Diante da violência, Dias (1996, p. 51) acredita que devemos fazer essa violência gerar consciência e “[...] de alguma forma, precisamos enfrentar a violência através do pensamento, da prática, da educação. Precisamos virar a força da violência contra ela própria e dar-lhe um *ippon* simbólico”.

6 REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A VIOLÊNCIA

Na época do Brasil império, a educação era dividida em três gêneros: intelectual, moral e física. As quais correspondiam respectivamente às dimensões da mente, do espírito e do corpo. A preocupação básica da educação física daquela época era melhorar o nível de saúde e higiene da população. Mas esse conceito modificou-se com o passar dos anos, o que antes era visto como “ausência de doença” agora é entendido como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social” (MEDINA, 1987, p. 59-60).

Neste espaço não cabe uma história da educação física, mas elencar as preocupações e objetivos para o processo de desenvolvimento do ser humano. Sendo assim, Dias, quando se refere à Educação Física, aponta para a grande responsabilidade do homem para com seu corpo e mente, para com sua saúde, para com sua própria vida e com a dos outros. Ou seja, “a responsabilidade para com o próprio corpo, como tarefa individual e social do homem, torna-se o objetivo maior da educação física” (1996, p. 25),

A educação física não pode ser reduzida a uma simples matéria no currículo escolar, ela não pode ser encarada apenas como uma recreação ou um conjunto de exercícios buscando uma série de desempenhos medidos através de números testados exaustivamente. Ou ainda, não pode ser reduzida ao músculo pelo músculo, ao esporte pelo esporte, ao exercício pelo exercício. A autora traz uma lição que vem desde o homem primitivo, onde a aptidão física estava relacionada ao princípio básico da sobrevivência. Escalar, correr e saltar, antes de se tornarem atos estéticos ou esportivos, era atos de sobrevivência do ser humano como indivíduo e como espécie (DIAS, 1996).

Para Betti (1998, p. 19), a principal tarefa da educação física na escola é “introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la”, utilizando-se do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida. A educação física propicia conhecimento ao aluno, mas, este conhecimento não se faz dissociado de uma vivência concreta, não se deve deixar no imaginário dos alunos seus benefícios, e sim, mostrá-los na prática. O professor deve sempre auxiliar o aluno a compreender seu sentir e seu relacionar com a cultura corporal do movimento.

A contribuição de Medina (1987, p. 35) visa melhorar a qualidade das aulas de educação física, ele está preocupado em promover uma educação física apropriada e eficaz para o processo de desenvolvimento dos educandos, e, inteligentemente, diz que para isso é preciso formar profissionais capacitados e dispostos a tais transformações: “é preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo”.

A personalidade de uma pessoa é determinada por diversos fatores, entre os principais estão a sua constituição biológica e psicológica, e principalmente, as influências do meio social e cultural em que vive, como também, das influências educacionais e esportivas que recebe (HOKINO; CASAL, 2001). São nas influências educacionais e esportivas que os professores de educação física atuam e na qual reside sua maior responsabilidade, pois podem influenciar no comportamento de crianças e adolescentes, cujas personalidades encontram-se em constante transformação.

A escola é vista por muitos autores como ambiente repressor da livre expressão e da criatividade infantil. Sendo assim, Thomas (1983) percebe que os alunos veem a educação física como matéria de compensação aos esforços cognitivos das demais matérias, e ainda, nas aulas de Educação Física, os alunos querem satisfazer suas necessidades de movimento, ou seja, querem expressar-se livremente através do movimento.

Mas infelizmente essa expressão muitas vezes é carregada de atos agressivos. Os alunos veem a atividade física como válvula de escape para liberar a agressividade contida em seu interior, agressividade esta que Dias (1996) descreve como sendo uma energia inata no homem, que quando não canalizada e elaborada para fins construtivos, vai dificultar o desenvolvimento do potencial criativo do ser humano.

Para a referida autora, a educação física pode estimular a criatividade expressiva e produtiva, pois a criatividade é importante para a construção da personalidade global do indivíduo. O professor de educação física deve oferecer oportunidades e estimular a todos os alunos a encontrar novas ideias. Ele deve motivar, animar, orientar e auxiliar, através de ações, trabalhando a agressividade deles, geradora da maioria dos conflitos, para que possam expandir sua criatividade (DIAS, 1996).

De acordo com Lapierre e Aucouturier (apud DIAS, 1996), a agressividade da criança deve ser desviada para um objetivo que libere a violência do gesto, e com isso, mais uma vez torna-se relevante o papel da educação física ao possibilitar o indivíduo a trabalhar sua agressividade. A educação física vai trabalhar a ação agressiva, quando nociva, e, deste modo, auxiliar a criança a ter uma consciência e domínio de sua própria agressividade, contribuindo para que estados geradores da conduta agressiva sejam compreendidos por elas mesmas e pelo grupo.

Para a realização das atividades de educação física, num enfoque humanista, o professor, enquanto facilitador de descobertas, é responsável pelo direcionamento de uma aprendizagem social mais dirigida aos valores humanos e sociais do que aos conhecimentos técnicos. Deste modo, as atividades de educação física irão atuar no comportamento do aluno, nas suas atitudes e até mesmo na sua personalidade (DIAS, 1996).

Dieckert (apud DIAS, 1996) entende que o professor de educação física deve variar as atividades e acentuá-las quanto ao rendimento, à intensidade, à alegria e aos efeitos educativos. Deve preocupar-se com as diferenças individuais e desenvolver, especialmente, as qualidades básicas de movimento para a aprendizagem de destrezas de movimento, de alegria e de riqueza de vivências.

Segundo Dias, a educação física se preocupa em desenvolver as potencialidades humanas e ajuda o homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence de forma consciente e não agressiva. Para ela a educação física tem um valor em si mesma e faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar mudanças de atitudes e/ou comportamento:

[...] além da prática, o indivíduo passa a ter uma consciência corporal que vai lhe proporcionar, através da socialização, intercalada de momentos de reflexão, o sentido da unidade do corpo. Deste modo, o conhecimento do corpo, aliado a uma experiência multissensorial e psicomotora, produz aspectos de valia em relação ao indivíduo e à conduta, enriquecendo, ao mesmo tempo, o seu comportamento social (DIAS, 1996, p. 26-7).

Para Peres (2005), uma das principais formas para a canalização de energias negativas seria a utilização do esporte como meio de sociabilização da criança nas aulas de educação física, para auxiliá-la a dominar estes ímpetus agressivos. Isto direcionaria suas energias de forma saudável, pois a cooperação e a socialização nas aulas de educação física criam um bem-estar para todos, desde que estruturadas de forma adequada pelo professor e utilizando procedimentos pedagógicos corretos. Pereira (2002) fundamenta-se em Sharp e Thompson para afirmar que cada uma das medidas que visam o combate à

agressividade deve estar integrada nas políticas educativas da escola.

As políticas educativas da escola assentam no envolvimento de toda a comunidade educativa. Estas devem envolver o diretor e a administração da escola, com ligações à família, professores, supervisores e funcionários que devem agir junto das crianças individualmente ou em grupos (SHARP; THOMPSON apud PEREIRA, 2002, p. 92).

Isto significa que a comunidade escolar precisa intervir, de forma coletiva, em todas as situações que ocorram nos ambientes escolares, desde a sala, aos pátios, nos corredores e refeitórios e nas proximidades da própria escola.

7 À MODO DE CONCLUSÃO

Com esta pesquisa concluímos que a agressividade e a violência escolar são uma realidade que precisa ser enfrentada pelo coletivo de profissionais da educação, juntamente com toda a comunidade escolar. A escola não é uma ilha na sociedade. A sociedade está cada vez mais violenta e essa violência impacta a escola. A agressividade e a violência devem ser objetos de estudo e análise permanente nas escolas e demandam projetos interdisciplinares e do apoio das estruturas públicas para seu enfrentamento. Ficou claro também a importância de se ter uma política educação de qualidade. Mas o que é de suma importância também é que os professores tenham consciência do seu papel na formação e no desenvolvimento da personalidade de seus alunos.

O professor de educação física, em especial, deve saber conduzir suas aulas de maneira que a deixe livre de ações agressivas, pois as atividades físicas e os esportes são repletos de emoções, ao mesmo tempo em que podem proporcionar ao aluno sentimentos de alegria e satisfação, podem também trazer frustrações e baixar sua autoestima. Desta forma, as aulas devem ser dirigidas de maneira prazerosa, buscando experiências positivas para o aluno, evitando sempre que possível as negativas, juntamente com o desprazer, fator gerador de comportamentos agressivos.

8 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In: UNESCO. **Violência na escola**: América Latina e Caribe. Brasília: UNESCO, 2003. p. 85-150.

ABRANCHES, S. H. H. A alienação da autoridade: notas sobre a violência urbana e criminalidade. In: VELLOSO, J. P. R. **Governabilidade, sistema político e violência urbana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

AHLERT, A. Inseparabilidade entre ética e cidadania no contexto da educação escolar. **Espacios en Blanco** (Dossier la violencia y las comunidades escolares, Acercamientos a un fenómeno diverso) Buenos Aires, v. 17, n. 17, p. 235-59, 2007.

BARBOSA, C. L. A. **Educação física escolar**: as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência escolar**. São Paulo: Summus, 1989.

- DIAS, K. P. **Educação física x violência**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FROMM, E. **Anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- GUIMARÃES, A. M. Escola: espaço de violência e indisciplina. 1999. **Nas Redes da Educação**, Revista Digital, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/art02.htm>>. Acessado em: 29 de novembro de 2015.
- HOKINO, M. H.; CASAL, H. M. V. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 6, n. 31, 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm>>. Acessado em: 14 de junho de 2016.
- MAY, R. **Poder e inocência: uma análise das fontes da violência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- MBEMBE, A. **Necropolítica seguido de sobre el gobierno privado indirecto**. Barcelona: Melusina, 2011.
- MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1987.
- MENDOZA-ALVAREZ, C. El papel de la existencia kairológica como crítica al sistema hegemónico y a la violencia global. In: VITÓRIO, J.; GODOY, M. (Orgs.). **Tempos do espírito: inspiração e discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 31-42.
- MENEGHEL, S. N.; GIUGLIANI, E. J.; FALCETO, O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 327-335, 1998.
- MUSSEN, P. H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. 3. ed. São Paulo: Harbra; 1995.
- PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: FCG & FCT, 2002.
- PERES, L. S. **A prática pedagógica dos professores de educação física: atitudes de violência no contexto escolar**. 2005. 326f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PIVA, M.; SAYAD A. Alta tensão. **Educação**, São Paulo, v. 26, n. 227, p. 34-45, 2000.
- QUEIROZ, B.; RIBAS, D.; ABADDI, L.; DECIAN, M. R.; COPETTI, R. M.; BEUTER, C. R. **Agressividade nas aulas de educação física**. Jornada de Pesquisa 2006. Santa Maria: ULBRA, 2006.
- SANTOS, H. O. **Crianças violadas**. Brasília: Ministério da Ação Social. Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência. Governo do Brasil, 1991.
- SARRETA, E.; SATO, N. C. **Violências nas escolas: a percepção de professores licenciandos**. Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <www.catedra.ucb.br/sites/100/122/00000070.pdf>. Acessado em: 29 de novembro de 2015.
- THOMAS, A. **Esporte: introdução à psicologia**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1983.
- VALOR. **Brasil lidera em número de homicídios no mundo, diz Atlas da Violência**. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4493134/brasil-lidera-em-numero-de-homicidios-no-mundo-diz-atlas-da-violencia>>. Acessado em: 20 de julho de 2016.
- VASCONCELLOS, A. T. M.; KREBS, R. J.; COPETTI, F.; BELTRAME, T. S.; USTRA, M. **Perspectivas**

para o desenvolvimento infantil. Santa Maria: SIEC, 1999.

VENTURINI, F. P.; BAZON, M. R.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Família e violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 20-33, 2004.

ZALUAR, A. **Da revolta ao crime.** São Paulo: Moderna, 1996.

Autor correspondente: **Alvori Ahlert**

E-mail: **alvoriahlert@hotmail.com**

Recebido em 22 de julho de 2016.

Aceito em 12 de setembro de 2016.